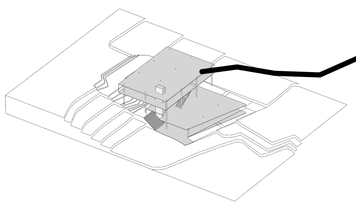
percorrer - verbo transitivo direto

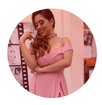
Vou à Diadema. Abro meu computador - SENHA: •••••••• - Clico na bússola azul - SAFARI, enquanto digito MAPS__, a primeira sugestão completa em uma cor rosa o endereço, ENTER, clico. O caminho a ser percorrido é do projeto da Ana, passando pelo Shopping Praça da Moça, pelo terreno do projeto da Victória e Júlia, e finalmente ao ginásio, local de intervenção da Flora. Cálculo a rota à pé, à maneira completamente oposta à minha, a pé sentimos o sol batendo na nuca, ouvimos nosso caminhar e as buzinas, enxergamos a poeira pairando no ar, tropeçamos no paralelepípedo e estamos suscetíveis à fuligem, aos arranha-céus, ao conflito. Aqui, digitalmente, sou um mero cursor, um símbolo genérico de flecha que paira pelos milhões de pixels da tela de um computador que meticulosamente formam a imagem que agora vejo.

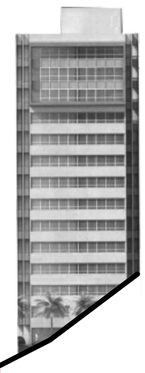


Após rapidamente apertar meus dedos contra as teclas, como agora faço, dois endereços estão escritos R. ORENSE, 790 - R. MANOEL DA NÓBREGA 712. O mapa de Diadema surge na tela e uma minhoca de pontinhos azuis o cruza. Isso que eles chamam de percurso à pé é nada mais nada menos que um plano, uma sugestão, uma mecanização do que gostaríamos de pensar o que é de fato caminhar pela cidade. O plano do GOOGLE virtualiza o real mas também torna o real uma espécie de virtual, suas indicações podem encher ruas específicas de carros, fazendo com que buzine-se sem parar em um lugar que sempre foi quieto, ou esvaziar a avenida mais cheia da cidade. Tornou-se um simulacro, mas afinal de contas, será que todo mapa já não é um simulacro?

Clico em um pequeno boneco laranja no canto direito da tela, o agarro com meu cursor e a imagem é como se houvesse uma corda puxando-o pelo pescoço, tremo minha mão e sua cabeça fica estática enquanto as pernas voam de um lado ao outro, ele paira sobre esse plano virtual, onde as ruas são desenhadas com tamanha perfeição que parecem que não alagam, não cheiram ou que lá não crescem ervas, matos e musgo. Ao libertar o bonequinho laranja da forca, ele pula para o ponto de partida, vemos o plano horizontalizar-se e ao fundo um horizonte azul celeste se desfoca. A imagem do primeiro endereço aparece na tela como a visão do acordar, adaptando-se a luz súbita. Uma grande flecha cinza semi-transparente paira como um disco voador no centro da tela, enquanto nos dois lados os nomes das respectivas ruas é inscrito digitalmente. Duas ferramentas para movermos e nos orientarmos, respectivamente. No plano virtual sempre há um destino e as ruas sempre tem nome.

Estou agora na AVENIDA JUAREZ RIOS DE VASCONSELOS, um nome que o MAPS não me permite esquecer, imprimindo-o à cada clique que faço do meu percurso. Observo à partir das fachadas coloridas e de seus anúncios como essa é uma via comercial. Pela tela do computador noto um supermercado e um petshop, a planificação da imagem, aqui, faz parecer que os cartazes de oferta do mercado e os animais pintados no portão do petshop são as mesmas coisas. A oferta é distante, pouco me importa o preço do pão francês que daqui não vou conseguir comprar, pouco importa esses desenhos de animais que não vou ouvir o latido. Aqui só me servem as imagens. Navegador anônimo.





Me encontro no meio do tráfego, inocência a minha imaginar que estava caminhando pela calçada, essa visão panorâmica das duas fachadas ao meu redor só é possível se eu estiver dentro de uma dessas máquinas na rua, ou se eu mesmo for a máquina. Tento olhar para os meus pés, estou acoplado em um FIAT UNO branco. A placa está borrada, talvez seja esse o elemento mais belo da imagem, essa opacidade artificial… Parece guache.

Do outro lado da avenida observo uma arquitetura peculiar, DETRANSP está escrito, parece mais um banheiro público do que algo relacionado ao trânsito. As cores branco e azul do volume desconstruído com as palmeiras que o rodeiam, me transportam para uma piscina pública, conseguiria imaginar facilmente um salva-vidas ali sentado em cima dessa edificação bizarra chamando atenção das crianças que teimam em mergulhar sob os nadadores da raia rápida. Uma piscina faria bem aqui no canteiro central da avenida, vejo que a grama está morta, seca e amarela.

Cruzei a avenida, observo meu lado direito, na esquina tenho diversas informações. Lava Rápido. Estacionamento. Ballet. Assistência técnica. Lan House. Combo de um Happy Hour. Apartamentos de dois quartos com uma suite. Essa esquina de Diadema me lembra de quando assistimos ilegalmente um filme, milhares de anúncios que surgem na tela. Procurando pelo X. Era vírus. Virtualmente podemos instalar um plug-in de AdBlock, seu equivalente na cidade real poderia ser a lei Cidade Limpa.

Olho para baixo, vejo um corpo desfigurado e distorcido pelos pixels da tela. As faixas pintadas no asfalto se desencontram ao compor a imagem. Parece que houve um desastre, um terremoto na interseção.

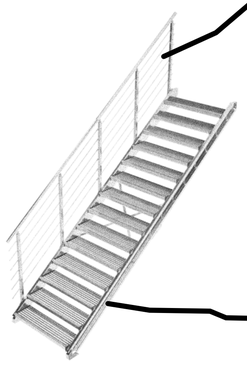
Passo em frente de algo que aparenta ser um centro cultural, FÁBRICAS DE CULTURA. Não parece ser nada convidativo, lembra mais um hospital do que qualquer equipamento que se pretenda ser cultural. Imagino seus arquitetos chamando esse troço de "minimalista". O grande quadrado branco da sua empena cega parece algo colado ali no céu, um grande vazio que contrasta com árvore e nega a avenida à sua frente.

Passo em frente a uma praça seca, postes luminosos tortos cravados no solo lembram alfinetes. Pouca coisa há na praça, ao fundo, vejo o supermercado Extra ocupando o horizonte. No primeiro plano, um ponto de ônibus lotado, pessoas sentadas em frente a propagandas, seus rostos borrados misturados com os grafismos de outros dois mercados mais populares… A concorrência é esperta.

Estou no cruzamento da avenida com uma rodovia estadual que corta Diadema. Vejo um prédio alto que aparenta ser um hotel de rede qualquer e uma grande placa do McDonald's. É notável o padrão de cidade genérica ao longo das rodovias e vias expressas, uma cena como essa eu poderia ver em Lagos, em Detroit ou Bangkok. Bastaria digitar outro endereço no navegador logo acima.

Ainda parado com diversos outros carros no sinaleiro, olho para trás. Um motoqueiro com seu rosto borrado, o nome da avenida flutuando, não me permitindo esquecê-lo., JUAREZ RIOS DE VASCONSELOS. Ao fundo vejo um homem de costas, ele caminha entre os veículos e mostra aos motoristas uma placa. ME AJUDE ESTOU COM FOME. CHICLETES TRIDENT 5 REAIS, BALA 3 REAIS. Pode ser qualquer uma dessas, daqui da tela não tenho leitura. São esses tipos de conflito que não enfrentamos digitalmente. Não enfrentamos todas essas pessoas que, nas ruas, passam fome em nossas frentes.

Estou quase na esquina da avenida, parado com diversos outros veículos no sinaleiro. É a primeira vez que vejo pessoas interagindo, um comércio informal, tapetes estendidos sobre a cerca do centro cultural. Uma caminhonete com sua traseira aberta, cria-se uma loja facilmente desmontável, ali parecer ter de tudo, é colorido, a traseira dessa caminhonete parece ser mais interessante que todos os comércios fixos estabelecidos ao longo do percurso até agora, urbanismo post-it.



A esquina do lado esquerdo parece encenada, indivíduos vestidos de roxo, rosa, vermelho, combinando com a paleta do camelô de eletrônicos logo atrás. Não é a toa que observo como de alguma maneira nossos espaços estão virtualizados. Aqui, a imagem do outdoor ocupa mais espaço do que o próprio comércio abaixo. A imagem produzida digitalmente interfere na nossa paisagem urbana, e em alguns momentos ocupa mais da nossa visão que os espaços físicos. Ou os espaços físicos são ocupados com bugigangas, parafernalhas que protegem nossos aparelhos eletrônicos. Essa utopia libertadora do ciberespaço parece contaminar a cidade, cheia de limitações. O digital é sedutor.

Sinto que estou chegando perto do shopping, passo em frente à uma floricultura interessante. Sua placa tem uma grafia singular, que se tentassem replicar nunca conseguiriam algo tão interessante. As letras parecem de cartoon. A floricultura Tokio Garden Bom B.

Me encontro em frente a um cabeleireiro e barbearia. A identidade dos dois modelos que posam foi protegida pela plataforma, borrando seus respectivos rostos, restando somente observar seus cabelos cuidadosamente esculpidos e cheios de gel.

Aqui, quatro elementos. Dois anúncios iguais de fabricação e reforma de sofás, um para pessoas de estatura mediana e o segundo para gigantes. Um anúncio de fabricação de camas boxe. Os sofás e as camas flutuam nesse espaço de fundo degradê. A janela tem quase o mesmo tamanho dos anúncios e é de longe o elemento menos chamativo, ao seu lado um vazio na fachada é preenchido por um material vermelho com um tecido de padronagem colorido. O planejamento dessa fachada é tão confuso quanto um mural qualquer do Miro, feito as pressas por estudantes exaustos de fazer nada.

Aqui na rótula cheguei a conclusão que a floricultura Tokio Garden Bom B não está para brincadeiras. Seu anúncio foi colocado no meio da rótula, novamente com um trabalho gráfico inigualável. A grafia da floricultura foi o elemento mais analógico que vi até agora no meu percurso, mais verdadeira.

Olho para uma calçada pintada, uma estética automobilística, meio fórmula 1 ornando com a flecha do MAPS que ali paira. Parece um jogo do Mario Kart num Burle Marx vernacular.

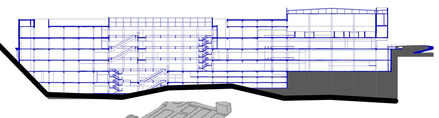
Me interessa observar daqui desse plano digital as engenhocas que os humanos fazem, é uma forma de humanizar um pouco meu percurso. Me faz lembrar que essa cidade não é tão fantasma e fria como parece aqui atrás da tela, com suas letras flutuantes e rostos borrados.

Contornando a quadra do shopping Praça da Moça, observo um grande outdoor, ao fundo o céu é azul e as palmeiras são perfeitas, verdes e brilhantes. O outdoor anuncia PLAYARTE CINEMAS. É o prelúdio da cidade artificial.

Avançando na rua, percebo como os limites do shopping encontram a cidade. O projeto me parece confuso, é quase como se o muro enorme que encontra a calçada sente culpa por tamanho impacto e, a cada 2 metros, abre uma pequena fresta revelando o seu interior. Lembra uma fortaleza, com suas pequenas aberturas para observação de inimigos.

Aqui observamos a gentileza urbana que o shopping propõe em seu entorno, após percorrer ao lado de muros com mais de 20 metros de altura, projetou-se um pequeno canteiro com duas palmeiras michurucas. Me parece que a arquitetura tenta se desculpar, minimizar seu impacto e não obtém sucesso.

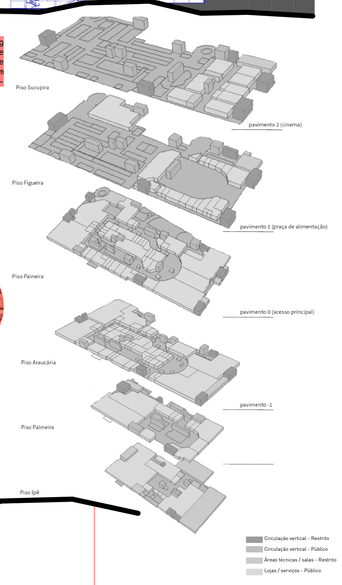
Cheguei ao shopping. A luz está clara e forte. Observo um carro-forte azul saindo de uma das docas ao fundo. BLUE ANGELS, transporte de valores. Do mesmo lugar que sai o dinheiro, também sai uma enorme quantidade de lixo. Consumo e descarte.. As docas ao fundo servem bem para essas duas funções.

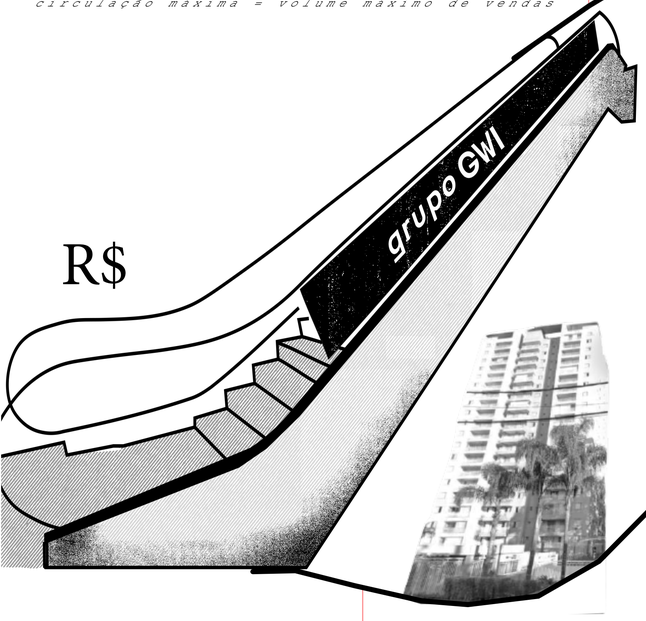


circulação máxima = volume máximo de vendas

Estou em frente a entrada principal do Shopping Praça da Moça, aqui chegamos no estado máximo de virtualização da imagem… Sua fachada parece vir de um vídeo game ou render, com formas deslocadas de suas funções, janelas completamente opacas, servindo somente como cenografia que compõe essa ideia de palácio ou fortaleza que o shopping pretende ser.

Sobe a rua em direção ao projeto da Júlia e Victória, olho para trás. O shopping ocupa a minha visão do horizonte quase por completo, é uma fortaleza repleta de logos de lojas com volumes pouco projetados pro seu exterior. O complexo parece ser pensado somente em seu interior, expandindo-se quando preciso, criando um ruído na paisagem urbana. Olhando daqui, parece que edifícios da cidade se fundiram e tornaram-se essa grande estrutura.





GWIC11
Fundado em 1995

GLOBAL WORDWAY INVESTMENT ASSET

Gestora de recursos independente especializada em investimentos de longo prazo concentrado em ações de empresa de grande porte

REAL STATE

Empresa de empreendimentos imobiliários especializada no desenvolvimento, aquisição e operação de condomínios logísticos de galpões modulares de alto padrão no Brasil.

MOU HAK YOU

FUNDADOR E PRESIDENTE
NACIONALIDADE: COREIA DO SUL

"ter do termo"

"persona non grata nas companhias em que investe"

Investimento no Shopping Praça da Moça R$ 200 milhões

Lojas americanas	Em 2017, chegou a ser dono de 16,2% das ações
Saraiva	Em 2016, adquiriu mais de 38% das ações
Gafisa	Em 2017, sócio majoritário com 50,17% das ações

Suspensão do direito de administrar carteiras de valores mobiliários por cinco anos.
Punição foi dada pela CVM em maio de 2017.

AD SHOPPING

30 anos de gestão
Atualmente administra 40 Shoppings
R$5,6 bilhões de patrimônio administrado
R$7,5 bilhões em vendas/ano
5,2 mil lojas
225 milhões consumidores/ano

No Jusbrasil consta 57 processos de Shopping Praça da Moça nos Diários Oficiais

7 processos TJSP

48 processos TRT2

Viro para a rua Washington Luiz, onde se localiza o terreno do projeto. O maps me lembra novamente onde estou, e que o que vejo são meramente pixels, que com meramente alguns cliques minha visão pode ser distorcida. Faixas das imagens se abstraem em minha direção.

Olho para cima e vejo uma árvore, seria normal se suas folhas não ficassem levemente borradas pelo efeito da imagem. Os borrões denunciam a artificialidade do meu percurso, a árvore é somente uma imagem.

Cheguei ao meu destino final, frente ao ginásio há uma barraca de lanches com seus banquinhos posicionados bem em frente à um carro prata. Me interessou observar no percurso esses momentos de arquitetura improvisada, das atividades que ali podem ocorrer. São as únicas estruturas que permitem-me ver suas atividades, todos os outros edifícios são meras fachadas, imagens que não me permitem acessar seus interiores.

Na RUA ORIENTE MONDI, vejo um homem frente a uma entrada perfeitamente recortada em um muro branco. Parece um vigilante que, se estivéssemos no plano real, pudesse nos dizer muito mais sobre essa rua do que observamos aqui atrás da tela.

ALUGUEL
R$ 1.400/mês

Condomínio	R$ 351
Preço c/ condomínio	R$ 1.751
IPTU	R$ 88

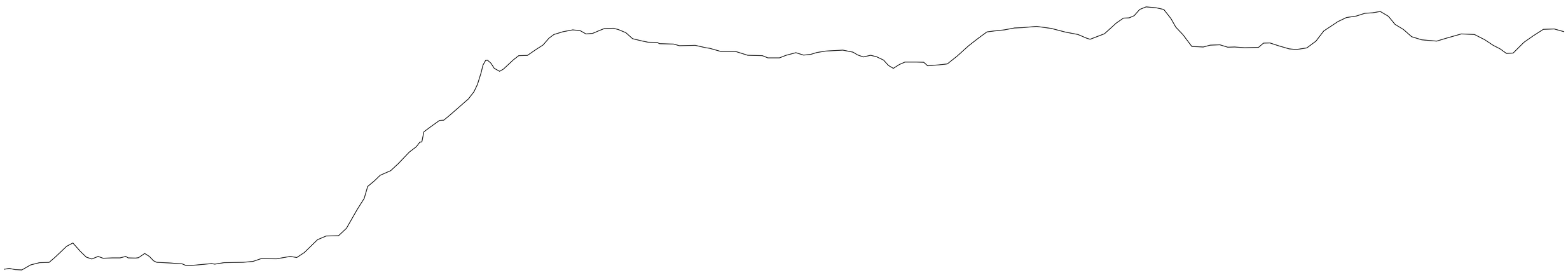
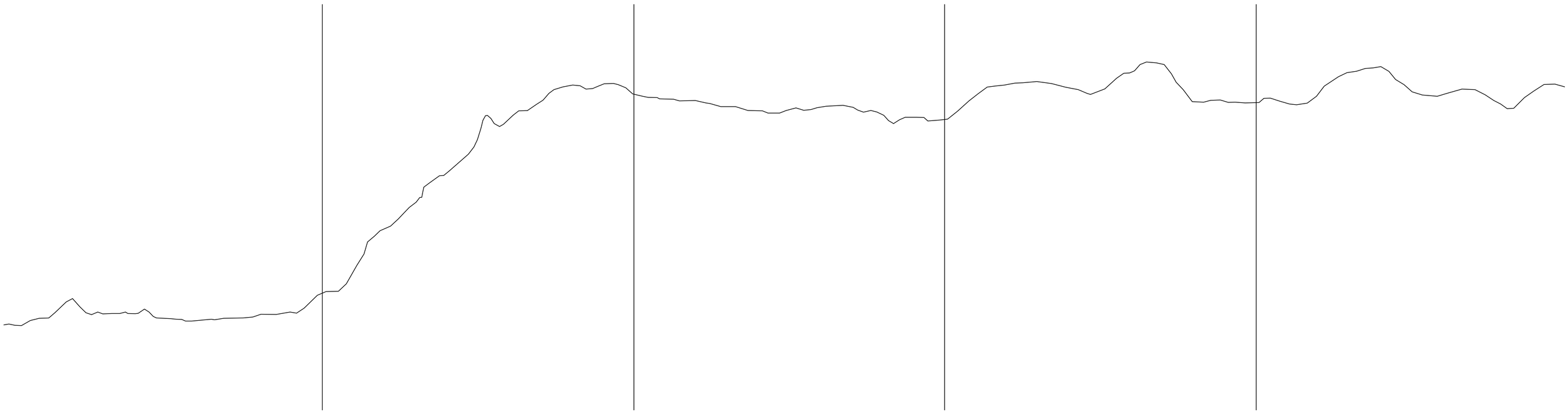
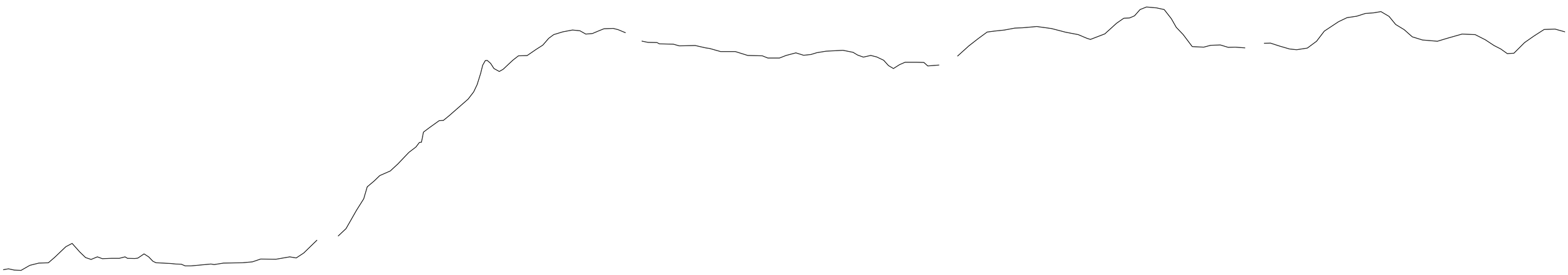
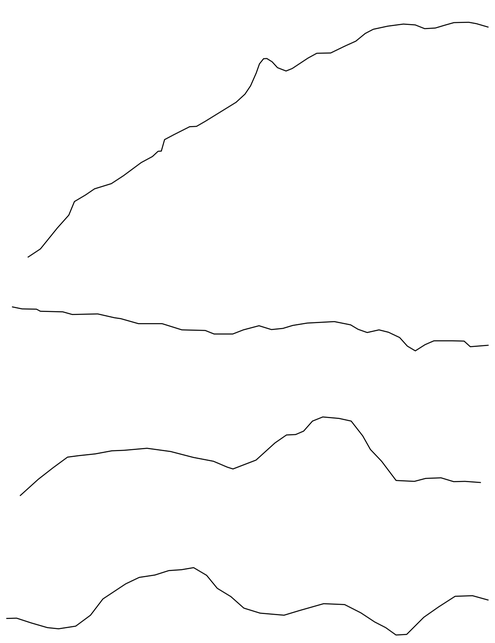
ALUGUEL
R$ 1.400/mês

Condomínio	R$ 351
Preço c/ condomínio	R$ 1.751
IPTU	R$ 88

COMPRA
R$ 560.000

Condomínio	R$ 602
IPTU	R$ 169

fotos do instagram

imóveis quinto andar

EV G17